

8 ENSINO MUSICAL SOB UMA PERSPECTIVA SENSIBILIZADORA.

MUSICAL TEACHING UNDER AN AWARENESS-RAISING PERSPECTIVE.

Sonia Regina Albano de Lima¹
Ana Lucia Nogueira Braz²

RESUMO: O texto tem a intenção de revelar a importância de se incluir na educação básica e nos cursos de formação de docentes, um ensino musical não tecnicista, capaz de auxiliar o indivíduo em seu processo de aprendizagem e no desenvolvimento de sua personalidade. Esta modelo de ensino poderá ativar os mecanismos cognitivos, a percepção, a concentração, o pensamento analógico, a subjetividade, a sensibilidade e o desenvolvimento emocional do indivíduo. Este ensino musical sensibilizador também pode contribuir para o aprendizado de outras disciplinas que integram a base curricular da educação básica. A fundamentação teórica do artigo pautou-se mais especificamente em relatos de A. Storr, H. Gardner, Gainza, entre outros e encontra amparo legal na promulgação da Lei Ordinária n. 11.769/08 (BRASIL, 2008). O texto também descreve alguns experimentos científicos realizados nessa área.

PALAVRAS-CHAVE: música, ensino, sensibilização, metodologia, aprendizagem.

ABSTRACT: The text intends to reveal the importance of including in the basic education and in the courses of teacher's qualification a type of musical teaching which is not technician and which is capable of helping the individual in his learning process and in the development of his personality. This teaching model may activate the individual's cognitive mechanisms, the concentration, the analogic thinking, the sensitivity, and the emotional development. This awareness-raising musical teaching may contribute to the teaching of other disciplines that integrate the basic education syllabus.

¹ **SONIA REGINA ALBANO DE LIMA:** Professora do curso de pós-graduação em música do IA-UNESP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade- GEPI do Programa de Pós Graduação: Educação/Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. Doutora em Comunicação e Semiótica, área de Artes - PUC-SP. Pós-Doutora em Educação pelo GEPI-PUC-SP. CV: <http://lattes.cnpq.br/16662710212070690> E-mail: soniaalbano@uol.com.br

² **ANA LUCIA NOGUEIRA BRAZ:** Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2003), Mestrado em Educação pela Universidade Paulista (1995). Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (1983), graduação em Pedagogia pela Faculdade Filosofia Ciências e Letras Carlos Pasqualli (1988). Atualmente é pesquisadora da FUNADESP e professora da Universidade do Grande ABC. CV: <http://lattes.cnpq.br/0811668499763530> E-mail aninhabraz@ig.com.br

The article's theoretical foundation was more specifically based on reports by A. Storr, H. Gardner, and Gainza, among others, and finds legal support in the enactment of the Statutory Law n. 11.769/08. The text also describes some scientific experiments carried out in this area.

KEYWORDS: music, teaching, sensitizing, methodology, learning process.

Partimos do pressuposto que uma educação adequada para este novo milênio deveria priorizar um conhecimento voltado para a formação integral da personalidade humana, para o desenvolvimento intelectual, psíquico, sociocultural, emocional e ecológico do ser humano. Só por meio desta atitude é que a educação poderá auxiliar o indivíduo a se conciliar com o mundo e transmutar a realidade.

Novas bases epistemológicas e praxiológicas devem integrar os processos de ensino/aprendizagem, entre elas o ensino artístico sob uma perspectiva sensibilizadora, principalmente na fase inicial de aprendizagem e a inserção do pensamento interdisciplinar na condução das Instituições de Ensino e na prática docente.

Nosso artigo tem como objetivo revelar a importância de se incluir na educação básica e nos cursos de formação de docentes, um ensino musical não tecnicista, capaz de auxiliar o indivíduo em seu processo de aprendizagem e no desenvolvimento de sua personalidade. Este modelo de ensino busca ativar os mecanismos cognitivos, a percepção, a concentração, o pensamento analógico, a subjetividade, a sensibilidade e o desenvolvimento emocional do indivíduo. Trabalhar com a música sob uma perspectiva sensibilizadora é uma forma de contribuir positivamente na formação integral do indivíduo.

Psicólogos e estudiosos de diversas áreas de conhecimento têm desenvolvido inúmeras pesquisas neste sentido, destacamos Howard Gardner e Anthony Storr. Alguns educadores musicais já têm adotado um início de aprendizagem musical sensibilizadora, capaz de promover e estimular o desenvolvimento musical mediante a participação ativa e o manejo da linguagem musical e sonora (GAINZA, 2002, p. 45). Um ensino dessa magnitude pode proporcionar ao jovem aprendiz sensações gratificantes que permitem o desenvolvimento integral do indivíduo, da sua criatividade, do seu senso estético, entre outras capacidades.

Mesmo considerando-se esses conhecimentos, esse modelo de ensino ainda não se faz presente nos Cursos de Pedagogia e de formação de docentes e tem sido pouco adotado nos processos de ensino/aprendizagem musical desenvolvidos na educação básica.

Este ensino musical sensibilizador também pode contribuir para o aprendizado de outras disciplinas que integram a base curricular da educação básica, entre elas, a matemática e a linguagem verbal.

Com a promulgação da Lei n. 11.769/08 (BRASIL, 2008) que torna obrigatório o ensino de música na educação básica brasileira, é de fundamental

importância formar educadores musicais e professores generalistas mais conectados com as novas tendências psicológicas, epistemológicas, culturais e pedagógicas que norteiam nossa sociedade.

A educação nos últimos decênios tem se mostrado um tanto ineficaz no auxílio à formação integral do indivíduo. Ideais pedagógicos democratizantes, conteúdos curriculares flexibilizados, inserção consciente da tecnologia no aparato escolar, inclusão de classes sociais minoritárias e portadores de necessidades especiais tão priorizados nos ordenamentos da área, não encontram guarida frente à heterogeneidade sociocultural que habita a sala de aula. Observa-se que quanto mais democratizado e massificado torna-se o ensino, mais caóticos se tornam os processos de ensino/aprendizagem.

Na contramão do que contempla as políticas públicas assistimos a necessidade de uma educação cada vez mais individualizada, específica na forma de lidar com os indivíduos que dela se servem. Na sala de aula encontramos em cada indivíduo uma mostra da complexidade social que acerca o mundo atual. Esta realidade está presente mais intensamente no ensino formal considerando-se a tendência generalista e universalista imposta pelas políticas públicas em todos os níveis escolares. Uma política que se impõe de cima para baixo e que não prioriza a importância do diálogo dos legisladores com as Instituições, sociedade e com os docentes. Tal fato propicia cada vez mais a fragmentação e compartimentalização dos saberes, numa atitude contrária ao que dispõe a interdisciplinaridade. Fica notório que a intenção da educação atual é capacitar e habilitar os indivíduos para o exercício profissional, declinando das demais funções que devem ser trabalhadas - resquício dos ideais iluministas e da Revolução Industrial.

Como bem expressa Moraes (2003), a aprendizagem resulta de mudanças estruturais que o organismo segue em comunhão com as mudanças do meio. Assim, acredita-se que o comportamento adequado para o ensino envolve uma visão relacional de mudanças estruturais, implicando em um *feedback* de equilíbrio entre os dois fatores:

Feedback de equilíbrio caracteriza-se por mudanças em todo o sistema que se retroalimentam para resistir à mudança original e assim diminuir seu efeito. Ele leva a menos da ação que o está criando. Mantém o sistema estável e resiste às tentativas de modificá-lo. Todos os sistemas têm um objetivo, mesmo que seja apenas sobreviver. O objetivo é seu estado desejado, no qual o sistema fica tranquilo ou equilibrado. O *feedback* de equilíbrio age para diminuir a diferença entre o local onde o sistema está e aquele onde “deveria” estar. Ele orienta o sistema na direção de um objetivo (O’CONNOR & MACDERMOTT, 2007, p, 79).

Um sistema de ensino que não contempla esse ir e vir presente neste *feedback* torna-se pouco útil para agregar novos valores, funções e significados socioculturais, formando pessoas não tão capacitadas para integrar e participar positivamente da sociedade.

Uma educação adequada para a atualidade deveria priorizar um conhecimento voltado para a formação integral do indivíduo, para o seu desenvolvimento intelectual, psicológico, sociocultural e ecológico (MORAES, 2003, p 18). Só

por meio desta atitude, é que a educação poderia auxiliar o indivíduo a se conciliar mais intensamente com o mundo e transmutar a realidade atual.

Temos observado que embora as políticas públicas tenham introduzido em seus ordenamentos legais a flexibilização curricular, a democratização do ensino e a interdisciplinaridade para a integração dos diversos campos de conhecimento, as instituições de ensino adotam medidas e princípios pedagógicos mais voltados para a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade. O sentido maior da interdisciplinaridade que é o de integrar os saberes de forma a possibilitar a formação de um indivíduo preenchido em todas suas dimensões existenciais, ou seja, a psicológica, emotiva, cognitiva, sociocultural, espiritual, artística e estética, foi secundarizado, quando não esquecido.

A nossa realidade pedagógica ainda tem trabalhado com uma educação informativa e não com uma educação formativa. O privilégio atribuído às ciências exatas e ao aprendizado da linguagem verbal em detrimento do aprendizado das ciências ditas sociais assim como o do ensino das artes, ainda prevalece. O tecnicismo e o pragmatismo continuam a ser o termômetro da educação, pois, produzem a melhor capacitação do indivíduo para atuar de forma eficiente no mercado de trabalho, habilitam mais atentamente técnicos de produção.

Sob esta ótica, o estudo das artes e particularmente o ensino musical, ainda ocupa na cadeia formativa um papel insignificante. Embora a sociedade tenha na Arte uma parte importante da sua existência, os cursos superiores de ensino artístico e o ensino das artes na educação formal são minoritários frente as demais formações profissionais. A nossa educação não tem trabalhado a Arte como um meio auxiliar para o desenvolvimento humano, seja sob a perspectiva de trazer para o indivíduo um valor estético, seja para lhe possibilitar formas prazerosas e sensíveis de se relacionar com o mundo, com a aprendizagem e consigo mesmo. Ainda não são valorizadas ou mesmo conhecidas na educação os benefícios, habilidades e capacidades cognitivas e sensoriais que as Artes podem proporcionar ao indivíduo, mesmo considerando-se o fato de que o ensino artístico tornou-se obrigatório na educação básica desde a implantação da LDBEN n. 9394/96 (BRASIL, 1996).

Se tomarmos como exemplo o ensino musical, há muito afastado da matriz curricular da educação básica e por consequência dos cursos de formação de docente, vamos observar que ele é capaz de permitir aos indivíduos integrar inúmeras habilidades e capacidades cognitivas e psíquicas. Estudos científicos admitem que a música propicie ao indivíduo o refinamento de diversas áreas do conhecimento, contribuindo para o seu desenvolvimento global e melhora de suas capacidades relacionais e intelectivas. Gardner (1997) vê a música como uma faculdade universal capaz de agregar de forma benéfica os indivíduos à sociedade. Ela amplia o senso estético, ativa a percepção de forma geral, estimula o sistema simbólico e lógico e as relações subjetivas envolvidas neste processo. Para ele o ensino musical faz parte da trajetória natural de evolução do ser humano, portanto, deve ser estimulado desde o nascimento.

A música inter-relaciona-se com diversas áreas do conhecimento. A linguagem musical comporta padrões matemáticos e linguísticos há muito estudados, o

que viabiliza sua prática na educação como meio de auxiliar a aprendizagem nesses setores de conhecimento (LIMA, 2005,2007).

Na Grécia Antiga, desde Homero até bem próximo à Leibniz, a música foi tratada como uma invenção divina representada no universo, como uma possibilidade de ratificar seu poder e sua função dentro do mundo dos homens e como um meio de instituir de forma estável e competente, suas leis. Pautada nos princípios estudados por Pitágoras, entre outros, a música revelou a sua estreita ligação com o universo e com o número (LIMA, 2007 e SEVERINO & LIMA, 2011).

No Romantismo, a música, seguindo a tradição cultural da época, projeta-se como uma forma de reação da emoção contra a razão; da natureza contra a artificialidade; da simplicidade contra a complexidade e, da fé contra o ceticismo, penetrando sensivelmente na *psiquê* e no inconsciente humano:

La razón podría hacer ç a disección de las partes sin vida pero solo la emoción podría discernir al todo vivo; la razón podría registrar las apariencias exteriores, pero solo la emoción podría penetrar en el corazón y en el espíritu. Para comienzos del siglo XIX se estaba de acuerdo en que la música era, entre las artes, la que mejor podía expresar las profundidades de los sentimientos humanos, no en el lenguaje convencionalizado de los afectos sino en acentos más profundos aunque menos definidos. El tipo de comunicación sufrió un cambio sutil: en lugar de la presentación objetiva del símbolo de la emoción, el compositor romántico buscaba purgarse a través de la producción de su obra, una especie de catarsis (ROWELL, 2005, p. 118).

Neste período a música passa a ser a arte mais apropriada para expressar um sentimento. Aqui a obra musical não necessita traduzir suas emoções em palavras, o próprio texto musical já veicula uma linguagem de sentimentos.

Enquanto produção humana, a música detém características culturais provenientes das diversas sociedades na qual ela se propaga, além de afetar a estrutura emocional e cognitiva dos indivíduos. O psicólogo Storr (2002) vê a música como uma grande promotora de ordem. Para ele as razões pelas quais ela afeta o homem estão justamente no seu poder de estruturar a experiência auditiva:

Cuando participamos de la música o escuchamos una interpretación que nos embeleza, nos aislamos, de forma temporal, de otros estímulos externos. Entramos en un mundo especial y apartado donde prevalece el orden y las incongruencias no tienen cabida [...] se trata de un "retir" temporal que facilita un proceso de recordación mental, lo cual propicia la adaptación al mundo exterior y no constituye una vía de escape (STORR, 2002, p. 139)

Não é tão inusitado lembrarmos-nos de sonhos, nos quais dirigimos nossa atenção para a ordenação de coisas antes desordenadas. O cérebro tem condicionado um processo de classificação e exploração no qual a experiência presente relaciona-se com a passada. No caso da música, essa conquista por padrões coerentes de pensamento cativa e satisfaz os indivíduos capazes de entendê-la:

Sin embargo, cuando distinguimos una conexión inesperada, un nuevo patrón, experimentamos una profunda satisfacción. [...] cuando se descubre un nuevo esquema, este suele tener mucha importancia para el descubridor, así como para todos los que lo comprenden y aprecian. Esto es válido no solo para teorías científicas y otros intentos intelectuales por encontrar un sentido al universo, sino también para las obras de arte que son algo más que una mera repetición de sus precursoras. Y exclamamos “Eureka!” ante el placer de descubrir una nueva Gestalt, aunque ésta no tenga una aplicación cotidiana inmediata. (STORR, 2002, p. 221)

Contudo, a música não se configura como um simples exercício cerebral, outros atributos integram sua linguagem. Mesmo comportando inúmeros padrões aritméticos, matemáticos e linguísticos, a música para A. Storr sendo menos abstrata que a matemática e até mais importante, uma vez que agrega a emoção e o intelecto, estabelecendo a conexão entre a mente e o corpo. Ela tem maior contato com a nossa vida subjetiva:

Sin embargo, debido a sus efectos físicos, la música estimula un orden interno que las matemáticas no son capaces de gerar [...] La gran música siempre expresa algo que trasciende lo personal porque depende de um proceso de ordenación interna que es, en gran parte, inconsciente y que, por tanto, no ha sido dispuesto de forma liberada por el compositor. Este proceso de ordenación debe alentarse y anhelarse, debemos esperarlo y rezar para que se produzca. Los grandes logros creativos del ser humano son producto de su cerebro, pero ello no implica que sean elaboraciones del todo conscientes. El cerebro opera de formas misteriosas que escapan al control de la voluntad: a veces debemos dejarlo funcionar “a sua aire” para que sea más efectivo (STORR, 2002, p. 229 e 233).

Roederer (1998) ao se reportar a estética da música declara que até os sentimentos estéticos que a música produz estão relacionados com o processamento neural da informação. Tal fato corrobora ainda mais as afirmativas de A. Storr.

Mesmo os sentimentos estéticos estão relacionados com o processamento neural de informação. A mistura, tão característica de padrões regulares e ordenados alternados com surpresa e incerteza, comum a toda entrada sensorial classificada como “estética”, pode ser essencialmente uma manifestação inata do homem de exercitar a sua rede neural super-redundante com operações de processamento de informações não-essenciais de complexidade variável ou alternante. Sabemos nós, realmente, o que é música? [...] Em quase todas as culturas, a música consiste em sucessões e superposições organizadas e ritmicamente estruturadas de sons relacionados a partir de um repertório muito limitado das alturas discretas de uma determinada escala. [...] A música pode ser um subproduto bastante natural da evolução da fala e da linguagem. Nessa evolução, que indubitavelmente foi um fator essencial para o desenvolvimento da raça humana, surgiu uma rede neural capaz de executar as ultracomplexas operações de processamento, identificação, armazenagem e

recuperação de som que são necessárias para o reconhecimento fonético, a identificação da voz e a compreensão da fala (ROEDERER, 1998, p. 33).

Vieillard (2005), pesquisadora do Laboratório de Neuropsicologia da Música e da Cognição Auditiva, e Bigand (2005), professor de psicologia cognitiva, dirigente do Laboratório de Estudos da Aprendizagem e do Desenvolvimento, da Universidade de Bourgogne, em Dijon, nos artigos publicados na Revista Científica *Viver Mente & Cérebro* (VIEILLAED, 2005), admitem que a música produz reações fisiológicas cuja amplitude parece depender do significado emocional. O fato dessas reações fisiológicas serem independentes dos julgamentos objetivos e subjetivos demonstra que a música exerce grande poder sobre o comportamento humano e que o ouvinte não está necessariamente consciente do efeito que ela exerce sobre ele.

Outros estudos como o De Paula (1998) e Engelhardt (1995) demonstraram que a música ativa as mesmas zonas cerebrais que participam do processamento de emoções (sistema límbico). Deduz-se também que a música não evoca emoções concordes com a história pessoal de cada um, mas, de fato, ela as provoca.

As emoções provenientes da música resultariam de processos cognitivos específicos. Elas dependem da compreensão dos elementos da estrutura musical de uma obra. Com o auxílio de técnicas de imageamento cerebral, ou seja, por meio do exame PET Scan (*Positron Emission Tomography* ou, Tomografia por Emissão de Pósitrons) equipes de pesquisas de Bigand (2006), estudaram as consequências de uma longa formação musical, comparando as características anatômicas e funcionais do cérebro de músicos e de não músicos. Descobriram que aprender a tocar um instrumento reorganiza diversas regiões cerebrais (áreas motoras, corpo caloso e cerebelo), incluindo aquelas diretamente envolvidas na percepção musical. Além disso, o cérebro do músico também sofre ativações mais fortes no hemisfério esquerdo (o da linguagem e cognição). Essas diferenças são mais significativas em pessoas que começaram a estudar música na infância. A música traz maior plasticidade cerebral. Os exercícios musicais, também beneficiam a memória e a resolução de tarefas espaciais.

Segundo Agudelo e Soto (2002) há estudos científicos que vem comprovando que a música tem a capacidade de influenciar o ser humano nos aspectos biológico, emocional, intelectual, social e psicológico. Resultados de estudos realizados no Instituto de Neurologia de Londres indicam que o corpo caloso (estrutura que une e leva informação do hemisfério cerebral direito e esquerdo) é mais desenvolvido nos músicos, o que pode comprovar que a música desenvolve e aumenta conexões neurais, estimulando a inteligência (hemisfério esquerdo do cérebro), a sensibilidade e criatividade (hemisfério direito do cérebro)

O ser humano, ao entrar em contato com a música, aciona zonas importantes do corpo físico e psíquico (os sentidos, as emoções e a cognição). As representações mentais e sensoriais projetadas pela música são isentas de juízo de valor, situação que possibilita a liberação de cargas emocionais há muito represadas no organismo. Miranda e Godeli (2003) afirmam que a música interfere em estados afetivo-emocionais de quem os escuta, fazendo

surgir emoções e sentimentos, por meio de associações extramusicais agradáveis ou desagradáveis.

Clair e Memmott (2008), no livro *Therapeutic Uses of Music with Older Adult*, afirmam que a música pode:

- a. Influenciar respostas fisiológicas, por meio de qualidades sedativas ou estimulantes que as músicas tem e que afetam respostas como pressão arterial, frequência cardíaca, respiração, tolerância a dor, etc.;
- b. Estimular respostas emocionais que estão associadas às respostas fisiológicas, como alterações nos estados de animo, nos afetos;
- c. Promover a integração social, ao criar oportunidades para experiências comuns, que são a base para os relacionamentos;
- d. Auxiliar na comunicação, principalmente em pessoas que tem problemas de comunicação verbal e que, pela música, conseguem interagir significativamente com os outros;
- e. Promover a expressão emocional, pois utiliza a comunicação não verbal, facilitando a manifestação das emoções;
- f. Afastar o indivíduo do desconforto e da rotina cotidiana, mediante o uso do tempo com atividades envolvendo música, melhorando a qualidade de vida;
- g. Aumentar a capacidade de fazer associações extra-musicais ou com outras informações sensoriais que estão guardadas na memória.

As autoras ainda, afirmam que a percepção advinda de padrões musicais não se reduz apenas a identificar determinados fatores restritos ao ambiente da música, tais como: perceber timbres instrumentais diversos; apreciar pequenas variações de altura de um som; descobrir o desenvolvimento temático de uma sonata, ou perceber ligações entre um tema e variações, entre outros dados musicais. Essa percepção também é capaz de acionar processamentos cognitivos de uma complexidade diferente, pois requer operações cognitivas abstratas que colocam em atividade, capacidades de atenção e memória, operações de categorização e raciocínio. Portanto, é bastante provável que uma prática instrumental intensa leve a reorganizações neurológicas que diferenciam 'cérebros músicos' e 'cérebros não músicos' no plano motor, sem que isso altere os processos de percepção, compreensão e apreciação dos dois grupos.

São inúmeras as inter-relações que a música estabelece com as demais áreas do conhecimento, seja no campo das artes, das ciências, da linguagem, da saúde e da educação. A música e as artes plásticas têm trabalhado em sinergia, de forma que o som é utilizado num contexto de criação plástica. A atual arte sonora (*sound art*) tem como peculiaridade a junção de som, artes plásticas, tecnologia, arquitetura como elementos materiais de criação. Ela busca, no espaço, o seu eixo fundamental para a concepção de obra (CAMPESTO & IAZZETTA, 2006). A ópera também se consagra como um gênero musical que integra diversas linguagens: a música, o teatro, a dança, a

literatura e a cultura. Movimentos estéticos como o impressionismo integram som e cor.

A música também pode conduzir o indivíduo para outros tempos e lugares; colocar em movimento a energia corporal e psíquica; transgredir padrões pré-estabelecidos; desenvolver relações intra e interpessoais; propiciar transformações psico-emocionais, cognitivas, entre outras ações. As ligações entre música, ritmo, movimento, alterações corporais, psicológicas, expressam o seu profundo entrelaçamento com o corpo, o psiquismo e os aspectos fisiológicos do indivíduo. Como nos relata João Francisco Duarte Jr ao se reportar às Artes em geral:

[A Arte] parece consistir fundamentalmente numa “coisa corporal”, ao ativar em nós os mecanismos sensíveis de que somos dotados, na inteira extensão de nosso corpo. A experiência estética, em que pese as abstrações e raciocínios nela envolvidos e dela decorrentes, acontece primordialmente no corpo, colocando em funcionamento processos biológicos que têm a ver com isto que denominamos sentimento. [...] uma educação do sensível não pode prescindir da arte, ainda que ela não consista no único instrumento de atuação sobre a sensibilidade humana – a educação do olhar, do ouvir, do degustar, do cheirar e do tatear, em níveis mais básicos, tem à sua disposição todas as maravilhas do mundo ao redor, (p. 139 a 140) primeiramente ao corpo como um todo, não se restringe às sensações, pressupondo um bom grau de significação, vale dizer, de abstração (DUARTE JR, 2001, p. 136 e 139)

Fregtman (1995) também afirma que atos vitais do ser humano, como a respiração e os batimentos cardíacos, são alterados em seus ritmos naturais, quando situações físicas e ambientais externas acontecem, portanto, se empregarmos a música como elemento externo propiciador, ela pode modificar os estados internos e comportamentais dos indivíduos. Dotada de ritmo, a música possibilita alterações consideráveis do ritmo interno dos organismos. Assim, podemos afirmar, com segurança, que a música é capaz de modificar o funcionamento corporal do homem.

Uma das mais antigas ligações da música com o movimento está na dança. O homem primitivo já dançava e, nesse fazer utilizava o canto, a música e os instrumentos musicais por eles produzidos. Música e dança são artes que se complementam, pois, antes de serem encaradas como representação artística, foram formas humanas de manifestação espontânea da vida social. Muitas correntes pedagógico-musicais do século XX foram criadas tendo no movimento corporal e no canto, os alicerces para uma aprendizagem musical efetiva, dentre elas destacamos a de Zoltan Kodály, C. Orff e E. J. Dalcroze. Técnicas corporais como o Método Laban, a Eutonia, a técnica de Alexander, frequentemente tem sido utilizadas pelos músicos com o intuito de combater o estresse corporal e adquirir uma postura saudável em suas performances, o que comprava a extrema ligação do movimento corporal e a música.

Também são comuns na psicologia e na medicina, os estudos que analisam os movimentos do cérebro ao receber um estímulo musical, a relação da música com a afetividade, com a subjetividade e a sensibilidade. O Neurologista Muszkat (1998) afirma em pesquisa realizada na Universidade Federal Paulista

de Medicina, que pacientes que sofreram algum dano cerebral podem recuperar algumas funções se for estimulado pela música. A musicoterapia também vem tentando demonstrar o quanto as práticas musicais são capazes de retardar os processos de envelhecimento e as doenças degenerativas.

A música contém bases de ação subjetivas que auxiliam os indivíduos a se reencontrarem com a sua essência psíquica, suas emoções, sem que para isso tenham que recorrer à linguagem verbal. As representações provindas da música não precisam ser explicadas, avaliadas, julgadas, elas simplesmente existem e produzem no indivíduo a 'catarse' necessária à liberação das emoções.

Verifica-se que o aprendizado musical permite ao indivíduo o despertar de diversas habilidades cognitivas: a físico-cinestésica, a espacial, a lógico-matemática, a motora, sem contar com o desenvolvimento das próprias habilidades musicais. O trabalho musical intensifica o senso rítmico, o senso espacial, a escuta externa e interna dos indivíduos. As artes quando bem direcionadas, podem levar o indivíduo a desvelar o seu próprio interior e se reconhecer como tal (GARDNER, 1994).

Se tantas são as inter-relações da música com as outras áreas de conhecimento e os benefícios físicos e psíquicos que ela proporciona, porque não utilizá-la como modelo de ação benéfica nos processos de ensino/aprendizagem? Talvez tenha sido esta percepção, a causa motivadora da criação da Lei Ordinária n. 11.769/08 que obrigou o ensino musical na educação básica brasileira.

REFERÊNCIAS.

AGUDELO, Graciela; SOTO, Gabriela. **Incidencias de la música en los procesos cerebrales**. Consejo de la música en México. Forum panamericano y Coloquio sobre Educacion Musical. Mexico 2002. Disponível em: www.iieh.com/doc/doc200209150300.htm1, acessado em 30 abril 2012.

BIGAND, Emmanuel. Ouvido Afinado. Viver mente & cérebro. **Revista de Psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento**. ano XIII, n. 149, junho de 2005, p. 59-63.

BIGAND, Emmanuel, TILLMANN, B. & POULIN-CHARRONNAT, B. [A module for syntactic processing in music?](#), **Trends in Cognitive Science**, 10, 2006, 195-196.

BRASIL. **Lei n.11.769/08**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na Educação Básica. Publicada no DOU em 19 de agosto de 2008.

BRASIL. **Lei no. 9394/96**. LDBEN. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/l2i/L9394.htm.

CAMPESATO, Lilian & IAZZETTA, Fernando. **Som, Espaço e Tempo na arte sonora**. XVI Congresso da ANPPOM. Brasília, 2006, p. 775-777. Disponível

em: HTTP: // www.anppom.com.br/anais/anais_congresso_anppom_2006/CDROM/com/c-248.pdf. Acesso em 24 de abril de 2009.

CLAIR Alicia Ann e MEMMOTT Jenny. **Therapeutic Uses of Music with Older Adult**. 2º Ed. Silver Spring MD. Editora American Music Therapy Association, 2008.

DE PAULA, Marcelo Peçanha. **Processo Terapêutico Integrado: neuroacústica**. Belo Horizonte: Fundação Biblioteca Nacional, registro: 58611, 1998.

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

ENGELHARDT, Jerson (org). Neuropsicologia das emoções. **Revista Brasileira de Neurologia**, Rio de Janeiro, v. 31, f. 4, p. 187-190, 1995.

FREGTMAN, Carlos. **Corpo, música e terapia**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Pedagogía musical: dos décadas de pensamento y acción educativa**. Buenos Aires: Lumen, 2002.

GARDNER, Howard. **As artes e o desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.

GARDNER, Howard. **Educación artística y desarrollo humano**. Barcelona: Paidós Educador, 1994.

LIMA, Sonia Albano. A relação da música com a linguagem verbal. In: **Uma metodologia de interpretação musical**. São Paulo: Musa Editora, 2005, p. 51-80.

LIMA, Sonia Albano. Música e Cosmologia. IN: LIMA, Sonia Albano (org). **Uma leitura transdisciplinar do fenômeno sonoro**. São Paulo: Editora Som & FMCG. 2007, p. 9-36.

MIRANDA, Maria Luiza de Jesus & GODELI Maria Regina C. Souza. Música atividade física e bem estar psicológico em idosos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v 11. N 4, p 87-94, 2003.**

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUSZKAT Mauro, DE VICENZO NS, REIS DE CAMPOS Carlos - Lateralização das Funções Musicais na Epilepsia Parcial - **Arq. Neuro-Psiquiatr. vol.56 n.4 São Paulo Dec. 1998.**

O' CONNOR, Joseph & MACDERMOTT. **Além da lógica: utilizando sistema para a criatividade e a resolução de problemas**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 2007.

ROEDERER, Juan G. **Música, Física, Psicofísica e Neuropsicologia: uma abordagem interdisciplinar**. Introdução à física e psicofísica da música. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 17-34. Tradução portuguesa de Alberto Luis da Cunha.

ROWELL, Lewis. **Introducción a la filosofía de la música:** Antecedentes históricos y problemas estéticos. Barcelona: Gedisa. 2005. Tradução para o espanhol de Miguel Wald.

SEVERINO, Francisca Eleodora Santos e LIMA, Sonia Albano. **Mosaicos: Arte, Cultura e Educação.** São Paulo: Todas as Musas. 2011

STORR, Anthony. **La música y la mente.** Barcelona: Editora Paidós, 250 p. Tradução espanhola de Verônica Canales Medina. 2002.

VIEILLARD, Sandrine. **Emoções Musicais.** Viver mente & cérebro. Revista de Psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento, ano XIII, n. 149, junho de 2005, p. 52 a 57. São Paulo: Dinap. S/A.